

SISTEMA FAEP



BOLETIM

INFORMATIVO

A revista do Sistema

Ano XXVIII nº 1272 - 25/08/2014 a 31/08/2014

Tiragem desta edição 24.000 exemplares



LEITE

A FAZENDA DO FUTURO

TRAGÉDIA

O saneamento básico no país

EMBRAPA

Dúvidas sobre o futuro

HISTÓRIA

A Queda do muro de Berlim

Aos Leitores



Marina da Silva tornou-se uma grande interrogação no quadro que foi desenhado da sucessão presidencial. Sua trajetória de um seringueiro no Acre ao foco de luzes e câmeras de Brasília, como candidata ao Palácio do Planalto, está sendo sistematicamente rastreada por repórteres.

Sobrevivente de cinco malárias, três hepatites e uma leishmaniose, formada em História e ex-integrante do Partido Revolucionário Comunista (PRC) e da CUT, essa evangélica se notabilizou como uma ambientalista fervorosa.

Política é muita conversa, negociação, concessões, três tópicos que não estão no dicionário "marinês". Até os parlamentares do PSB, seu transitório partido, porque se considera chefe do projeto de partido chamado Rede de Sustentabilidade, tateiam em busca de definições práticas da candidata. Seu vice, o deputado gaúcho Beto Albuquerque, em 2004, foi um dos principais articuladores no Congresso da Medida Provisória que liberou o plantio de soja transgênica na safra de 2004/2005. Tem laços com o agronegócio de sua terra. Mas vice é vice.

Há um desconfiômetro instalado e seguindo os passos e cada declaração de Marina, cujo apetite desvia do agronegócio, setor que está segurando a capenga economia nacional. Marina terá que se decidir em que canoa embarcar.

E a matéria de capa desta edição é dedicada à propriedade de Armando Rabbers, um dos 118 mil produtores de leite do Estado, e o uso do sistema (VNS) também conhecido como Sistema de Ordenha Voluntária.

Índice

| | |
|-----------------------------------|----|
| Armazenagem | 03 |
| Fazenda do Futuro | 04 |
| Mordomia das Vacas | 09 |
| Saneamento | 10 |
| Opinião/Embrapa | 12 |
| História - O muro de Berlim | 14 |
| Viagem Técnica | 16 |
| Canadá | 19 |
| Marina Silva | 20 |
| Xisto em Cascavel | 21 |
| Agricultura de precisão | 22 |
| Cartas/Leitor em foco | 24 |
| Clima | 25 |
| Notas/Fundepec | 26 |
| Conseleite | 27 |
| Eventos Sindicais | 28 |
| Via Rápida | 30 |

Fotos: Fernando Santos, Milton Dória, Divulgação, Arquivo FAEP

Expediente

FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |

F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Ivo Polo, Francisco Carlos do Nascimento, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Lisiane Rocha Czech **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santoroza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR

R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |

F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santoroza, Paulo José Buso Junior e Jairo Correa de Almeida | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

Boletim Informativo | Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon **Editor:** Hélio Teixeira | **Redação e Revisão:** Hemely Cardoso, Katia Santos e André Amorim | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuel | **Ilustração:** Icaro Freitas

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Os dois lados da moeda

Programa de Armazenagem é acelerado no BB e empacado na Conab



O produtor Adriano Marcos Toigo, de Corbélia, ficou surpreso ao saber que depois de apenas 45 dias o seu pedido de financiamento para a construção de um silo já estava liberado pelo Banco do Brasil (BB). Através do Programa para Construção e Ampliação de Armazéns (PCA), anunciado pelo governo federal no ano passado, ele e o vizinho de propriedade, João Carlos Capelletto financiaram R\$ 8 milhões, com juros de 3,5% ao ano no prazo de 15 anos, para construir um silo com capacidade para armazenar 115 mil sacas de soja. “Fizemos o projeto e em pouco tempo o banco o aprovou”, conta Adriano, acrescentando que as instalações do armazém terminam em dezembro deste ano.

Os dois produtores conseguiram uma fatia do volume de R\$ 3,5 bilhões anunciados pelo governo federal para a construção de armazéns pelo PCA. Desde que foi lançado, o BB somou R\$ 2,7 bilhões em negócios, com 12.894 projetos liberados através do programa na safra 2013/2014 em todo o país. Desse total, o volume de R\$ 350 milhões (1.447 projetos) foi autorizado em recursos para a construção de armazéns no Paraná. Os dados foram divulgados pelo BB.

Por outro lado, embora o cenário esteja um pouco mais favorável ao setor produtivo, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) continua patinando quando o assunto é armazenagem. Em

maio do ano passado, a presidente Dilma Rousseff anunciou R\$ 500 milhões para o plano de modernização e ampliação de armazenagem da Conab para a contratação de projetos e obras de construção e reforma de 90 armazéns da própria Companhia entre 2014 e 2015. Porém, desse volume de recursos anunciados pelo governo federal, somente R\$ 1,5 milhão foi liberado pelo Tesouro Nacional, segundo matéria divulgada pelo jornal Valor Econômico (4/08/2014). Resumo da ópera: dentro da porteira, beleza, já fora dela...

A meta do governo com o plano é ampliar a rede de estoques públicos da Conab e elevar a capacidade total em 800 mil toneladas, voltada basicamente para milho, arroz, trigo e feijão. Hoje, a capacidade é de 2 milhões de toneladas. Para isso, o Planalto prometeu investir na construção de 10 armazéns e na reforma ou ampliação de 80. A previsão inicial era de que fossem contratadas em 2014 pelo menos as construções de quatro novos armazéns - em Itaqui (MA), Luís Eduardo Magalhães (BA), Anápolis (GO) e Xanxerê (SC). Além disso, estavam previstas obras para reformar, modernizar ou ampliar 23 unidades de armazenagem em Mato Grosso e em oito Estados do Nordeste. A equipe do BI entrou insistentemente em contato com a Conab para saber sobre os recursos para a ampliação dos armazéns, mas até o fechamento desta edição não obteve resposta.

A primeira fazenda robotizada da América Latina

Armando Rabbers é o único produtor latino-americano que utiliza essa tecnologia na produção de leite

Por Katia Santos



As câmeras de vídeo registram todos os movimentos das vacas durante a madrugada

São duas horas e quarenta minutos, uma madrugada de inverno com temperatura de 8º graus, ainda não é hora do início do trabalho de ordenha na maioria das propriedades da bacia leiteira de Castro, nos Campos Gerais. Mas uma exceção na propriedade ARM Genética, onde a produção de leite é ininterrupta. Já habituadas à ordenha a qualquer hora do dia ou da noite, as vacas se movem voluntariamente para a baía para serem ordenhadas por um conjunto de equipamentos de robótica, que além de proporcionar conforto ao animal, fornecem ao proprietário todas as informações sobre níveis de produção e uma completa análise sobre a qualidade do leite.

Filho de holandeses, Armando Rabbers, 45 anos, é o caçula de uma família de cinco irmãos e uma irmã. Seu interesse

comercial na atividade leiteira começou a pouco mais de quatro anos. No início, Armando e a esposa Silvana mantinham uma produção de leite de 1,7 mil litros/ dia no sistema de balde ao pé com 70 vacas em lactação. Hoje o rebanho total é de 332 animais da raça holandesa, e o produtor mantém (usando várias técnicas de reprodução) uma média de 140 animais em lactação, com uma produção de leite que varia de 34 a 39 litros/dia por animal, dependendo da estação do ano.

“A temperatura para as vacas produzirem bem deve ser abaixo de 18 graus, o ideal mesmo é quando a termômetro oscila entre 8 e 15 graus. Quando nós temos que usar pelo menos uma blusa de frio a temperatura está perfeita para elas”, comenta Rubbers.

Robô e conforto

O confinamento robotizado é feito pelo sistema (VNS) também conhecido como Sistema de Ordenha Voluntária, camas, dois coçadores para vacas, piso emborrachado, sistema automatizado de limpeza de dejetos, climatização e oferta constante de alimentação e água.

As vacas são identificadas por um transponder

(um dispositivo de comunicação eletrônico complementar de automação) que recebe as informações do software Delpro, que tem todas as indicações do animal: idade, peso, quantos partos; produção média diária/mensal; quantas vezes foi ordenhada; dados sobre o leite; intervalos dos períodos das ordenhas; etc. Em média cada animal fica na máquina de ordenha por sete minutos, embora o tempo dependa do fluxo de leite..



Um aquário que o produtor acompanha o funcionamento da ordenha robotizada

O importante para Rabbers é garantir o conforto do animal, para que elas se sintam tranquilas e produzam com qualidade. Além da tecnologia ele investe nas boas práticas de manejo e produção de leite. Atualmente ele oferece apenas uma formulação de ração, produzida na própria fazenda (silagem de milho, pré-secado de aveia e o concentrado vindo da Cooperativa).

Quando elas se movimentam das camas para a ordenha, a seleção é feita a partir da leitura do brinco, através de um equipamento instalado na entrada do portão. No galpão estão instalados dois portões de acesso – um para a ordenha, outro para uma área de avaliação onde recebem tratamentos especiais e retornam para as camas. O programa é que controla o acesso do animal.

Foram instalados no galpão dois robôs com capacidade para atender 140 vacas. Quando o portão de acesso ao local específico da ordenha abre, a vaca entra sozinha; o portão é fechado automaticamente e então é oferecido um concentrado (ração) conforme sua produtividade e ou estágio de lactação. Para adequar o tamanho da baia ao do animal, o sistema regula a bandeja de comida que se movimenta para trás ou para frente.

A vaca precisa ter contato (encostar) em uma estrutura metálica semelhante a uma bandeja localizada na parte de trás equipada com sensor, que recolhe as fezes e ajuda o laser do braço robótico a localizar os tetos. Quando a vaca possui apenas três tetos o braço robótico já tem essa informação e se adapta ao animal.



O casal iniciou a produção de leite há 4 anos

Durante a ordenha o equipamento informa ao produtor – individualmente o fluxo do leite, quantidade e qualidade em cada teto. Assim à medida que cada teto vai esvaziando com a ordenha, a máquina vai retirando os equipamentos (teteiras), o que também promove conforto ao animal.

O produtor conta que levou um ano para se adaptar ao sistema de gerenciamento, mas as vacas se adaptam em 15 dias. “O programa é muito completo e fornece muitas informações específicas ao produtor sobre cada animal. Precisei me dedicar e estudar muito atrás da tela do computador para conhecer o sistema e adquirir ‘um certo’ domínio, que hoje é de 70% do software. Ainda estou aprendendo”, revela.

Para garantir o funcionamento ininterrupto do equipamento e a refrigeração da produção, Rabbers tem um gerador que garante o fornecimento de energia elétrica. Em média por dia a fazenda produz cinco mil litros de leite que são armazenados em um tanque com resfriador que tem capacidade de 10 mil litros. “Tenho planos de duplicar a produção de leite em médio prazo e instalar dois novos robôs. Mas antes quero investir mais no conforto térmico dos animais no verão, instalar novos equipamentos de refrigeração além dos ventiladores e construir um galpão de confinamento só para animais de recria”.

Com o programa robotizado de ordenha o produtor mantém cinco funcionários: um responsável pelo trato dos animais; um funcionário dedicado exclusivamente ao trato das bezerras; um de serviços gerais e um gerente de ordenha e acompanhamento dos animais dentro do galpão de confinamento e um gerente geral, que administra também os outros rebanhos – suínos e ovinos.

“Quando você explora a produção de um animal, que no caso é o leite, você tem que ter carinho e conforto, para que o animal possa responder com um produto de qualidade”, revela Rabbers.

Como elas aprendem

Quando se tem a oportunidade de acompanhar por algumas horas a rotina da ARM Genética, observamos o cuidado que o proprietário e os funcionários têm com o bem estar dos animais. Tudo gira em torno das vacas, atenção, cuidado e tratamento. “Quando você explora a produção de um animal, que no caso é o leite, você tem que ter carinho e conforto, para que o animal possa responder com um produto de qualidade. Aprendi com minha família que o leite é um alimento nobre e o trato delas também tem que ser de alto nível”, revela.



A esquerda o técnico Tiago e o gerente Paulo Rogério que treina os animais na ordenhadeira

Para ensinar as vacas a visitarem a ordenhadeira, o técnico agrícola e gerente geral, Paulo Rogério de Lima, 34 anos adaptou o processo. “No início nós colocávamos os animais na ordenhadeira depois que pariam. Mas experimentamos acostumá-las às instalações antes do parto e deu certo”.

Ele conta que, aproximadamente, no sétimo mês de gestação colocam a novilha no confinamento por um período de 10 a 15 dias, ensinam o animal a deitar nas camas e a circular pelos portões e corredores. Em seguida ele treina a vaca a entrar no equipamento de ordenha, onde é fornecido um pouco de concentrado para ela ir se acostumando. Depois ela retorna para o campo até o pré-parto ou o parto. “Depois de parir ela volta para o galpão e a acompanhamos por algumas vezes até a ordenhadeira. Em um prazo, que varia, de três a 10 dias ela já está totalmente adaptada. Quando se ajustam as vacas ficam mais tranquilas e produzem mais”, explica.

Lima trabalha na ARM Genética há 11 anos e não teve problema para se adaptar a robotização. “Você não tem trabalho braçal e com a tecnologia o animal fica mais tranquilo, se sente mais à vontade. O ser humano você sabe é ação e reação, às vezes um funcionário acorda de mau humor e o animal sente. Com a máquina não tem isso e as vacas ficam mais calmas e produzem mais leite”, finaliza.

O investimento

O investimento total foi de R\$ 2,6 milhões de reais financiados pelo Banco do Brasil e pela empresa Delaval, que instalou os robôs. O produtor estima que o financiamento deva ser quitado no prazo de oito anos. “Isso vai depender do preço pago pelo leite ao produtor. Hoje recebo R\$1,16 por litro, mas temos que ficar de olho no custo de produção, que pode subir”, explica Rabbers.

Na fazenda de 190 hectares o casal produz, além do leite, grãos, suínos e ovinos. A construção de uma unidade industrial pela Cooperativa Castrolanda foi o estímulo para que o produtor rural investisse na produção de leite. “Com a comercialização garantida fiquei animado em fazer o financiamento e iniciar a produção em grande escala”, completa.

Além do aumento de produtividade a propriedade se transformou em um ponto turístico de visitação. Esse ano durante a 14ª edição da Feira Agroleite, promovida pela Castrolanda, o produtor recebeu nos cinco dias do evento cerca de 400 pessoas entre produtores e profissionais da área.

Outro resultado que o produtor obtém com o investimento nos animais são os prêmios conquistados na Agroleite e em outras exposições.

O sistema VNC permite que o produtor acompanhe a ordenha, via internet, de qualquer lugar, no Brasil ou no exterior 24 horas.

Apesar de toda a tecnologia, Rabbers, que tem formação como técnico agrícola, confessa: “O leite ainda é o que exige mais atenção e dedicação. Na agricultura você tem um calendário definido, os suínos e ovinos são animais que exigem menos se você segue uma rotina alimentar e de manejo. Mas o leite você precisa acompanhar, mesmo que seja de longe”.



O produtor acredita que conforto e carinho aliados a tecnologia garantem bem estar aos animais

“Não são apenas os conhecimentos de engenharia mecânica que são suficientes para trabalharmos com esse equipamento. É preciso conhecer os animais e aprender com elas no dia a dia”, Thiago responsável pela manutenção do sistema.



Pela internet ele pode acompanhar a ordenha em qualquer lugar

O sistema VNC permite que o produtor acompanhe a ordenha, via internet, de qualquer lugar, no Brasil ou no exterior. “Posso acompanhar tanto a ordenha dos animais individualmente pelo computador como pelas as câmeras de vídeo que funcionam 24 horas por dia”.

Até dezembro Rabbers vai sustentar o título de primeiro produtor a ter um confinamento com ordenha robotizada na produção de leite na América Latina. De acordo com o engenheiro mecânico e técnico da empresa, Thiago Van Den Boogaard, que visita a ARM Genética regularmente, está prevista até o final do ano a instalação de outros três conjuntos de robôs: no Paraná, em São Paulo e outro no Rio Grande do Sul.

quatro meses e dura no máximo quatro horas. Eles programam um recall em todas as peças, mas a leiteria não para, pois enquanto um robô está em manutenção o outro atende as vacas. “São trocadas as membranas das válvulas, as mangueiras e fazemos pelos menos duas horas de testes para garantir o bom funcionamento”, diz Boogaard.

A manutenção

Thiago tem 25 anos e se formou em engenharia mecânica pela Universidade Federal Tecnológica do Paraná. Na universidade nunca tinha ouvido falar nessa tecnologia que foi produzida por um holandês em uma fábrica da Suécia.

Para conquistar esse emprego, assim que a notícia correu na cidade, o jovem procurou a empresa e se ofereceu para atuar como técnico. Além do curso de graduação em engenharia ele tem inglês fluente e o curso de técnico agrícola.

“Não são apenas os conhecimentos de engenharia mecânica que são suficientes para trabalharmos com esse equipamento. É preciso conhecer os animais e aprender com elas no dia a dia. Vejo esse trabalho como um grande projeto que é um desafio e exige muita responsabilidade”, comenta. Para atuar como técnico do Sistema de Ordenha Voluntária ele fez um curso na fábrica na Suécia de duas semanas.

O técnico explica que a manutenção dos robôs é feita a cada



A mordomia das vacas

Além de cuidados especiais, os animais agora tem “croc” para as patas



Croc para diminuir lesões nos cascos



Coçador para relaxar as vacas

Quanto mais conforto e mordomia, melhor. Assim é a rotina das vacas de “luxo” que participam de exposições, concursos e são criadas no sistema free-stall – baias individuais, nas quais os animais entram e saem espontaneamente para repousarem sobre um piso também coberto por cama. Elas são mimadas e recebem um cuidado pra lá de especial, como banho, cama com palha ou serragem, ventilador, ouvem música calma durante a ordenha e ainda ganham massagem para ficarem “zens”. Além de todas essas mordomias, surgiu uma novidade no mercado: uma espécie de tamanco, apelidado de “croc”, para diminuir as lesões nos cascos das vacas.

A ideia é do casal de empresários de Jaú (SP), Fabiana Franceschi e Paulo Costa, que há 19 anos comandam a Nacional Ossos, empresa que comercializa ossos artificiais para fins didáticos. No caso dos “tamancos” para vacas, o pedido veio de uma empresa de podologia para bovinos. “O objetivo do cliente era diminuir lesões no casco das vacas leiteiras e o produto fez tanto sucesso que o apelidamos de ‘croc’ de vaca”, comenta Paulo. O “calço” é feito de poliuretano. E de acordo com os fundadores da Nacional Ossos, é bastante resistente, não deforma e reduz o impacto das patas do animal em contato com o solo. “Desde então, ampliamos nossa atuação no segmento, compramos máquinas novas e recebemos pedidos de algumas fazendas”, diz ele.

O tratamento especial garante o bem-estar do animal. O resultado de tanta mordomia é percebido no setor de ordenhas. Segundo veterinários, as vacas podem produzir até oito litros a mais por dia

quando bem tratadas em ambientes confortáveis. Entre uma regalia e outra, os animais têm direito até um coçador, uma espécie de escova gigante que serve como um massageador. O equipamento funciona através de um sensor automático de toque e precisa de um impulso de força para que comece a proporcionar a sensação de relaxamento. Hoje, o coçador custa em torno de R\$ 9.500,00 com a instalação.

Música durante a ordenha

Num estudo realizado pela faculdade de Agronomia de Humberstide, no norte da Inglaterra, cerca de 1.000 vacas foram expostas a música calma, música acelerada e ao silêncio ao longo de nove semanas, durante 12 horas por dia. Os cientistas verificaram que a produção de leite aumentava três por cento (0.73 litros) por dia quando as vacas ouviam música relaxante. Estes resultados revelam que a música acalma os animais assim como reduz o estresse nas pessoas. Já um vídeo gravado na região alpina de Autrans, na França, mostra a banda de jazz The New Hot 5 tocando para um grupo de vacas que pastavam. A reação dos animais foi tão interessante que as imagens já foram vistas por mais de 10 milhões de pessoas. Para ver o vídeo basta acessar www.youtube.com/watch?v=0UcvrgCiKXI

A insalubridade nacional

A ONU estima que 14,3 milhões de moradias não têm água encanada e 35,5 milhões de moradias vivem sem coleta de esgoto



Em julho do ano passado o governo brasileiro cancelou a visita ao nosso país de Catarina de Albuquerque, sem maiores explicações. Essa portuguesa é mesmo meio inconveniente a muitos governos, porque é a Relatora Especial da ONU sobre o direito à água e saneamento. A ONU considerou que o veto tinha uma relação direta com os protestos que, em 2013, marcaram as cidades brasileiras. A viagem só aconteceu em dezembro do ano passado, e a explicação para o adiamento está no fato de o informe produzido só seria apresentado aos demais governos da ONU e à sociedade civil após a Copa do Mundo.

A Copa acabou e o relatório da persistente e minuciosa Catarina é uma verdadeira goleada. “Milhões de pessoas continuam a viver em ambientes insalubres, sem acesso à água e saneamento”, indicou o informe, apontando que o maior problema estaria nas favelas e nas zonas rurais.

Setenta e sete milhões de brasileiros, população equivalente à Alemanha não tem abastecimento de água regular e de qualidade. O dobro ou quase 60% da população - 114 milhões de pessoas - “não tem uma solução sanitária apropriada”. Os dados ainda revelam que 7 milhões de brasileiros não tem nem “casinha” e ainda precisam fazer suas necessidades ao ar livre todos os dias.

Segundo o relatório da ONU, o baixo investimento em saneamento no Brasil está tendo “custos elevados para a saúde pública”. Em apenas um ano, 400 mil pessoas teriam sido internadas no país por diarreia, com um custo para o Serviço Único de Saúde (SUS) de R\$ 140 milhões. Há a perda de 849,5 mil dias de trabalho – baseado em dados de 2012, e para cada afastamento por diarreia ou vômito, o trabalhador precisa de três dias para se recuperar.

“Nos últimos anos, o Brasil experimentou um

desenvolvimento significativo, com crescimento econômico e uma melhoria dos indicadores sociais. Mas esses ganhos ainda não foram refletidos nos serviços de água e saneamento”, alertou Catarina no relatório. No geral, 52% dos brasileiros não têm coleta de esgoto, e apenas 38% do esgoto é tratado. O estudo estima que 14,3 milhões de moradias não têm água encanada e 35,5 milhões de moradias vivem sem coleta de esgoto. As informações são provenientes do cruzamento de dados do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento, do Ministério das Cidades, e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

As disparidades regionais são gritantes. Numa ponta, 95% das cidades da região Sudeste dispõe de sistema de esgoto. Noutro extremo, apenas 13% dos municípios do Norte do país têm o serviço.



são as principais preocupações dos brasileiros. Saneamento, dizem muitos políticos experientes, não dá voto porque os canos de água potável e de esgotos são subterrâneos e não rendem imagens para fotos e TV. E como as obras andam a passo de tartaruga, também não permitem feéricas inaugurações.

Obras atrasadas

O governo federal tem um Plano Nacional de Saneamento, que pretende atender 99% da população com o abastecimento de água e apenas 82% com esgoto. Quando? “Até o ano de 2033, daqui a 19 anos”. O respeitado Instituto TrataBrasil, que avalia as condições de saneamento no país, revela que 58% das obras de esgoto do PAC estão atrasadas. Em nota oficial, o Ministério das Cidades respondeu que, embora a verba seja federal, a responsabilidade constitucional pela execução das obras de saneamento é dos municípios.

Pelas contas do ministério, 60,2% dos empreendimentos de esgoto estão dentro do cronograma. Por que há atrasos? As causas são “múltiplas e complexas”. A principal delas “continua sendo a [má] qualidade dos projetos de engenharia contratados pelos executores das obras.” Ou seja: como cabe ao município executar, o governo federal não tem nada a ver com coisa nenhuma.

No seu informe a relatora da ONU criticou também a enorme quantidade de órgãos do governo envolvidos nos empreendimentos de saneamento. Ela contabilizou nada menos que 7 Ministérios e 14 programas federais nessa área, o que, em sua visão, gera falta de coordenação. Além disso, vários municípios não dispõem de regulação sobre saneamento, gerando conflitos legais e políticos.

A ONU ainda alerta que o governo federal precisa rever seus objetivos. Segundo o levantamento. Entre as recomendações, a ONU pede que o Brasil faça uma emenda à Constituição para tornar o direito à água em uma garantia constitucional.

No país dos milhões sem-privada, as pesquisas de opinião deste período eleitoral revelam que a saúde, segurança e educação

112ª posição

Apesar de ser a sétima economia do mundo, o Brasil ocupava a 112ª posição em um conjunto de 200 países no quesito saneamento básico, em 2011, segundo aponta um estudo divulgado hoje (19) pelo Instituto Trata Brasil e pelo Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável, durante o fórum Água: Gestão Estratégica no Setor Empresarial. Pouco mudará se a pesquisa for atualizada.

Paraná melhor

O perfil do saneamento básico no Paraná mostra um patamar muito melhor, se comparado aos números globais do país, retratados pelo Relatório da ONU. Segundo a Sanepar, o número de ligações de água, que em 2010 era de 2,547 milhões de ligações e deve chegar ao final de 2014 com 2,896 milhões de ligações, num crescimento de 14%. O número de pessoas atendidas, que era de 9,2 milhões (2010), alcançará neste ano a 10,4 milhões.

O número de ligações de esgoto que em 2010 era de 1,372 milhões de ligações, deve alcançar a 1,741 milhões ao final de 2014, com um crescimento de 27%. Mesmo assim a estimativa é a de que cerca de 66% dos domicílios sejam atendidos.

Os novos desafios da Embrapa



Zander Navarro é engenheiro-agrônomo, especializado em Economia e Sociologia Rural



Eliseu Alves é engenheiro-agrônomo, doutor em Economia e um dos fundadores da Embrapa.

Provavelmente ninguém discordará que a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) simboliza uma das conquistas mais valiosas da sociedade e dos Estados brasileiros. Após quatro décadas, a empresa tem um robusto acervo de conquistas, associado à extraordinária transformação produtiva da agropecuária do país, ainda que as regiões rurais continuem marcadas por diversas e contraditórias faces.

De um lado, a agricultura brasileira ostenta a maior produtividade entre todos os países com relevância agrícola. Éramos corriqueiros importadores de feijão quando foi fundada a Embrapa, em 1973, mas atualmente exportamos uma variada cesta de produtos para quase duas centenas de países. Em termos reais, o valor da cesta básica caiu pela metade, assegurando melhores dietas aos brasileiros. Por tudo isso, o Brasil, sem dúvida, é e será decisivo ofertante mundial de alimentos nos anos vindouros.

De outro lado, temos ainda muito a realizar. É provável que 40% dos estabelecimentos rurais não tenham nenhuma chance de permanecer na atividade, pois não conseguem gerar renda superior à que pode ser obtida no trabalho urbano. Convivemos com degradantes indicadores de pobreza rural, especialmente no Nordeste, e em todo o Brasil um terço dos produtores é analfabeto. O seguro rural cobre meros 14%

da área plantada, tornando a atividade agrícola cada vez mais arriscada. Esses são alguns dos muitos fatos ameaçadores que talvez expliquem por que o campo está se esvaziando, envelhecendo e masculinizando – em face da generalizada “fuga de mulheres” para as cidades. Igualmente grave é o fato de o emprego rural estar caindo aceleradamente, substituído por mecanização e impulsionado pelas migrações.

Ante o mutante mundo novo que vai transformando as regiões rurais, a Embrapa depara-se com inéditos desafios, ainda sem respostas adequadas. Alguns são fatores externos e outros, injunções nascidas do fato de ser uma empresa estatal. Um desafio imediato decorre da fantástica riqueza atualmente gerada pela agropecuária, que produziu aproximadamente US\$ 1 trilhão (exportações nominais) nos últimos 25 anos. Diante dessa fábula monetária, inúmeros agentes privados foram atraídos para os sistemas agroindustriais e passaram a produzir tecnologias para os produtores, complementando ou competindo diretamente com a Embrapa. Essa é uma tendência mundial e, neste contexto, onde e como se reposicionará a empresa pública de pesquisa agrícola? Concorrer diretamente com as firmas é impensável e insensato. Então, o que fazer? Caso não interaja virtuosamente com as empresas privadas ligadas à agropecuária, mantido o interesse público, a Embrapa poderá perder seu lugar como um dos motores da agricultura moderna.

“Estão se avolumando as ações operadas por ativistas motivados por uma palavra sedutora, porém nunca definida: agroecologia”



“A instituição foi organizada sob o rigor de rituais científicos universais e a interferência de particularismos partidários e interesses políticos representa um perigoso freio no futuro da pesquisa”.

Risco enorme

Outra hesitação atual da empresa diz respeito ao modelo tecnológico que promoveu, nesses anos, o impressionante progresso da agropecuária brasileira. Estão se avolumando as ações operadas por ativistas motivados por uma palavra sedutora, porém nunca definida: agroecologia. Tais ações, contudo, são principalmente destinadas a combater a agricultura modernizada. É uma ofensiva incompreensível, pois se trata de um ataque à parte da economia que sustenta o Brasil há tantos anos. Impõe-se a defesa firme e vigorosa dos cânones científicos e da configuração tecnológica orientada para a sustentabilidade, o que vem permitindo ao país alçar-se ao panteão dos maiores produtores de alimentos do mundo.

Um terceiro desafio está apenas nascendo, com a aprovação da Agência Nacional de Extensão Rural e a decorrente confusão entre inovações, pesquisa agrícola e sua transferência aos agricultores, induzindo a Embrapa gradualmente a assumir tarefas relacionadas à assistência técnica, uma das facetas da extensão rural. Há nessa tentativa um risco enorme, ameaçando o riquíssimo histórico de nossa pesquisa agrícola pública. Um fato é inegável: assistência técnica e pesquisa agrícola, quando muito, se complementam. Mas são atividades que exigem especialização e ignorar esse fato redundará em crescente ineficiência.

Internamente, a Embrapa defronta-se com dois desafios. Um deles diz respeito à forte substituição de seus quadros de pesquisadores, renovados por concursos em dois terços nos últimos 10 anos. A empresa é atualmente impulsionada por uma geração de jovens pesquisadores com excelente formação acadêmica, mas desvinculados do passado quase épico que constituiu a empresa e a história rural do Brasil no último meio século. É necessário investir numa transição consistente entre as pioneiras gerações de pesquisadores e os jovens que vão chegando, aproximando-os das transformações atuais das regiões de produção agropecuária e, dessa forma, estimulando agendas de pesquisa que sejam coladas às realidades agrárias e produtivas. É tarefa urgente para a empresa. O outro desafio é mantê-la estritamente no campo da ciência. A instituição foi organizada sob o rigor de rituais científicos universais e a interferência de particularismos partidários e interesses políticos representa um perigoso freio no futuro da pesquisa.

Tudo somado, e sem citar outros desafios que mereceriam análise, a Embrapa defronta-se atualmente com uma complexa série de temas que exigem elucidação. Como se reestruturar no novo mundo que vai conformando as regiões rurais? É mudança que sofrerá a influência, como seria inevitável, das disputas eleitorais em curso. Espera-se que os candidatos analisem os obstáculos que precisam ser vencidos pela Embrapa e apoiem os dirigentes da empresa na implantação de difíceis medidas reclamadas pelo novo momento histórico. Se conduzidas por amplo debate e disposição sincera para o diálogo, sem dúvida a Embrapa vai revigorar sua capacidade para situar-se com eficácia ainda maior na nova fase do desenvolvimento agrícola brasileiro.

Publicado em “O Estado de São Paulo” (20.08.2014)

A VERGONHA DEMOLIDA



A queda do Muro de Berlim completará 25 anos no próximo dia 9 de novembro. Parece que foi ontem, mas lá se foi um quarto de século da mancada cometida por Günter Schabowski, funcionário do Partido Socialista Unificado da Alemanha, apelido do Partido Comunista da então República Democrática Alemã (RDA).

Schabowski estava numa entrevista coletiva à imprensa e, cercado de microfones, lhe perguntaram se havia alguma perspectiva de facilitar o trânsito de pessoas na Alemanha então dividida em duas – uma sob a órbita da União Soviética, a Oriental, e a outra, a Ocidental. Ele se equivocou e disse que todas as leis para viajar ao estrangeiro tinham sido derogadas

“Para quando?”, indagaram. “ Para já!”.

Não havia previsão nenhuma no lado oriental para destrancar as portas petrificadas que separavam as Alemanhas. Tão logo ouviram a resposta, centenas de milhares de alemães orientais correram ao Muro de Berlim. Ali, com seus compatriotas ocidentais, igualmente ansiosos pelo reencontro, iniciaram a derrubada do Muro de Berlim.

O gesto determinaria também o início do fim da União Soviética com uma reação em cadeia para a derrubada de governos

comunistas do Leste Europeu, que obedeciam as ordens de Moscou.

Depois de ter matado 200 pessoas que tentaram transpô-lo, de 1961 a 1989 e infernizado milhões de outras, o Muro de Berlim morreu numa jornada revolucionária em que a única vítima foi ele mesmo, posto abaixo a golpes de picaretas, martelos e o que mais os alemães encontrassem para se vingar. Foi uma noite estrepitosamente gloriosa, dos odiados arames farpados e blocos de tijolo que numa extensão de cerca de 155 quilômetros os encerraram, tiranizaram e humilharam por tanto tempo.

Fuga contida

O Muro de Berlim começou a ser construído em 13 de agosto de 1961. O objetivo era conter o crescente número de alemães-orientais que, ainda que ao preço de deixar para trás casas e empregos, optavam pelo outro lado, em que a economia era mais dinâmica e na qual não haviam os russos. A Alemanha estava desde o fim da Segunda Guerra dividida em duas – uma sob a órbita da União Soviética, a Oriental, e a outra, a Ocidental, alinhada com o que,

no dicionário geopolítico daqueles dias, era classificado de “Mundo Livre”, liderado pelos Estados Unidos.

Desde a divisão, cerca de 2,25 milhões de habitantes do lado comunista tinham se bandeado. Eram, na maior parte, jovens bem formados. A evasão era não apenas uma mancha na reputação de Berlim Oriental como uma ameaça à economia do país, pelo risco de escassez de mão de obra qualificada. O líder alemão-oriental, desde 1953, era Walter Ulbricht, um homem treinado na Rússia. Foi ele que concebeu a ideia de um muro.

“Ninguém tem a intenção de erguer um muro”, dissera Ulbricht quando os primeiros rumores começaram a surgir. Quem materializou o muro formulado por Ulbricht foi Erich Mielke, que comandava a Stasi, a polícia política que se considerava “o escudo e a espada” não do país, mas do Partido.

Eram dolorosas as imagens de pessoas acenando lenços para familiares ou amigos do outro lado do muro. No desespero de fugir, tentativas espetaculares se realizaram, e entre elas as mais dramáticas estavam nos túneis precários cavados sob o solo de areia de Berlim. Havia o risco de ser enterrado pela terra em plena fuga, e também o de receber tiros da polícia oriental, mas foram muitos os casos de sucesso.

O preço

Com o completo colapso da economia da Alemanha Oriental, calcula-se que a reunificação do país alcançará 2 trilhões de euros (R\$ 6 trilhões) até 2019, prazo do chamado Pacto de Solidariedade. Foram gastos cerca de 1,3 trilhão de euros entre os anos de 1991 e 2009, a maior parte desses recursos fluiu diretamente para os orçamentos dos Estados do Leste do país, liberados com a Queda do Muro. O governo federal investe apenas em projetos de transporte, como estradas, rodovias e vias fluviais. O desemprego no Leste foi às alturas no processo de reunificação e fez com que dois terços do 1,3 trilhão de euros fossem gastos com benefícios sociais.



Chocolate coreano e Peugeot cubano

A queda do Muro de Berlim provocou a abertura da Cortina de Ferro, como era chamada a divisão entre o mundo livre e o comunista. A expressão foi criada pelo primeiro ministro inglês Winston Churchill em 5 de março de 1946, ao descrever a Europa do pós-guerra: “De Stettin, no Báltico a Trieste, no Adriático, caiu uma cortina de ferro sobre o continente”. Pelo menos dois países, porém, continuaram a manter regimes fechados.

A República Democrática Popular da Coreia é classificada como um dos Estados mais repressivos do mundo. Seus 24,7 milhões de habitantes vivem sob o duro regime da família Kim há décadas e entre 80 mil e 120 mil presos políticos estão nas cadeias do país.

De vez em quando, seu líder, o engraçado Kim Jong-un tem uns rompantes. O penúltimo deles foi classificar um bolinho de chocolate como ameaça ao regime comunista. As “Choco Pies” - bolinhos de chocolate recheados de marshmallow – tornaram-se tão populares na Coreia do Norte que se tornaram até uma espécie de moeda no mercado negro. Foram proibidos.

Para não deixar os vizinhos sem seu doce preferido - e também para protestar contra a ditadura norte-coreana -, ativistas da vizinha Coreia do Sul simplesmente enviaram 50 balões carregando 10 mil bolinhos para o lado norte-coreano da fronteira. A tática já havia sido utilizada por eles para mandar “conhecimento do mundo” para os vizinhos em panfletos e dispositivos USB.

Para demonstrar que iria abrir a economia, o presidente Raul Castro, de Cuba, anunciou no início deste ano que finalmente os cubanos poderiam comprar automóvel sem pedir as bênçãos do governo. Na loja estatal da Peugeot em Havana, em janeiro, os preços variavam de 91.000 dólares (cerca de R\$ 200 mil) para um modelo 206 de 2013; ou 262.000 dólares (R\$ 576 mil) para um Peugeot 508. A média salarial no paraíso cubano é de 600 pesos ou 30 dólares – R\$ 66,00.

Grãos e biomassa

Oportunidades comerciais e novas perspectivas na América



Eric Rund apresenta aos paranaenses seu sistema de produção que inclui soja, milho e miscanthus

No roteiro da terceira viagem técnica aos EUA e Canadá, a FAEP incluiu no roteiro de visitas diversos tipos de atividades, como grãos, carnes e leite, e destinos desde grandes associações e cooperativas, até pequenos produtores, incluindo centros de pesquisa e universidades.

Um deles foi a fazenda de Eric Rund, um médio produtor do Estado de Illinois, que cultiva 100 hectares de soja para produção de sementes, 160 hectares de milho da variedade "frito-lay", utilizada na indústria de alimentos. Chamou a atenção da missão, outros 18 hectares plantados com miscanthus, gênero botânico no qual está o capim-elefante, usado para produção de biomassa para geração de energia.

Apesar de destinar apenas uma pequena área para sua produção, Eric observa grandes oportunidades para o miscanthus. Segundo ele, a perspectiva do governo norte-americano é que em 2020 a produção de etanol de biomassa passe de 10 bilhões de galões no país. Além disso, próximo da sua região já existem quatro plantas de produção no Estado de Iowa que irão utilizar biomassa proveniente de árvores e outras fontes como o

miscanthus, para produção de energia.

Na Europa, o uso da planta como fonte energética cresce a cada ano. Foi lá que Eric foi buscar conhecimento para sua produção e manejo. Uma máquina rotativa rompe os rizomas da planta na terra e outra, semelhante a um espalhador de esterco, planta estes rizomas, de onde cresce o miscanthus. Proporcionalmente ao tamanho da área cultivada, Eric conta que este ano ele ganhou mais com o miscanthus do que com a soja e com o milho.

Outra vantagem é que, por se tratar de uma gramínea perene o produtor pode realizar sua colheita na primavera, época em que as máquinas colheitadeiras normalmente estão ociosas. "É muito barata essa produção", afirma.

O miscanthus brota em abril e em agosto já está alto. Quando o rigoroso inverno do meio oeste norte-americano chega ele perde suas folhas, mas mantém suas hastes intactas e mais secas. Eric ensina que no primeiro ano a planta não rende praticamente nada, no segundo ano rende pouco e a partir do terceiro ano começa a produzir bem.



O inverno rigoroso dos EUA seca as hastes do miscanthus

ENERGIA BARATA



Soja

700 litros de biodiesel/hectare



Milho

5.200 litros de etanol/hectare



Miscanthus

8.000 litros de etanol/hectare

20 mil BTUs
por quilo de miscanthus



Tamanho das hastes do miscanthus aumenta ano a ano

1 tonelada de biomassa
(US\$ 85,00)

=

645 litros de GLP
(US\$ 332,00)

Illinois Soybean Association

Outro destino importante da viagem técnica da FAEP foi a Associação dos Produtores de Soja de Illinois (Illinois Soybean Association). Localizada na cidade de Indianápolis, a instituição completa este ano 50 anos atuando no suporte aos produtores do Estado, realizando planejamento estratégico para o desenvolvimento da produção da oleaginosa. Em 2013, o Estado foi o maior produtor de soja dos EUA. Este ano foram cultivados 1 milhão de acres (404 mil hectares), com uma produção estimada de 461 milhões de bushels (250 milhões de sacos). Hoje, os EUA é o quarto maior importador de soja do Brasil.

A associação possui três programas estratégicos para o desenvolvimento do setor, o primeiro para fomentar o uso da soja na alimentação de animais, o segundo para pressionar o governo por melhores condições de transporte, e o último, intitulado “liberdade de operação”, tem como objetivo garantir que os produtores tenham liberdade para fazer suas escolhas, no que se refere a insumos, sementes e técnicas, tendo a certeza de que não sofrerão pressões externas, principalmente de grupos ambientais.

Outros 30 programas da entidade trabalham estratégias para aumentar a produtividade da soja. A meta para 2020 é alcançar uma produção de 600 milhões de bushels. Segundo a diretora dos programas de pesquisa estratégica da entidade, Linda Kull a

demanda mundial de soja cresce mais do que outras commodities, oportunizada pelo aumento da renda da população, sendo o principal consumidor a China.

A média de produção no Illinois é de 46 sacas por hectare, média bem inferior à da maioria das propriedades brasileiras. “Temos muito o que aprender com vocês”, diz a diretora. De fato, segundo ela, desde o ano passado os produtores do Estado passaram a usar o método do plantio direto depois de uma conversa com produtores brasileiros.

Atualmente 80% da produção é direcionada à alimentação animal. Um das grandes preocupações dos produtores é que o nível de proteína nos grãos vem diminuindo. Para enfrentar este desafio vem sendo feitas inúmeras pesquisas, em parceria com universidades, monitorando o nível de proteína no óleo e no farelo de soja.

Para esta safra os produtores de Illinois aumentaram a área de soja em cerca de 3% e reduziram a área para milho em 4%. Segundo o consultor Joe Harroun, que também participou da apresentação na associação, existe uma tendência de baixa no preço da oleaginosa. A previsão é algo abaixo de US\$ 10,00 o bushel, na ocasião a cotação do dia era de US\$ 10,70. Além disso, atualmente há um estoque muito grande de farelo de soja que não foi exportado. O analista também observa que uma queda no prêmio pago pela soja destinada a produção do biodiesel deve afetar a o volume de produção. Os substitutos da oleaginosa para produção do combustível são o sebo bovino e suíno e o óleo de milho.

Sugestão

Harroun aproveitou a presença de produtores brasileiros para falar daquilo que imagina ser uma grande oportunidade comercial. Na sua opinião o Brasil deveria vender o milho rapidamente, antes que a safra norte-americana seja colhida. Para isso ele sugere que “o governo poderia ajudar num esforço concentrado para o transporte da safra”. Certamente o analista americano não conhece a morosidade do governo brasileiro



A logística canadense

Assim como os EUA, Canadá possui eficiente sistema de transporte e armazenagem de grãos que são transportados através de ferrovias, rodovias e rios



Depois de visitar diversas propriedades rurais, centros de pesquisa, universidades e instituições de produtores nos Estados Unidos, os participantes da Viagem técnica da FAEP partiram para o Canadá, onde também puderam conhecer mais sobre a realidade da produção agropecuária naquele país.

A primeira parada em solo canadense foi o Shantz Station Terminal, estrutura para recebimento, triagem e armazenamento de grãos – em especial trigo - que vem da região Oeste do Canadá e são distribuídos para diversos moinhos da região.

O terminal é uma divisão da empresa Parrish and Heimbecker, que atua há mais de 105 anos em diversos segmentos que incluem a produção, transporte e processamento de grãos em uma faixa que vai de Halifax a Vancouver, ou seja, de Leste a Oeste do Canadá.

Instalado em uma área de 45 hectares, o terminal atua em três diferentes modais, ferroviário, hidroviário e rodoviário. “É bom ter varias opções, porque durante o inverno a hidrovía fica fechada”, explica John Taylor, gerente do terminal. A estrutura tem capacidade para armazenar 14.500 toneladas de grãos, podendo fazer 10 segregações diferentes de grãos. No ano passado o terminal movimen-

tou cerca de 250 mil toneladas, seu recorde é de 300 mil toneladas anuais. Para realizar toda esta operação, são necessários apenas dois funcionários. Os próprios motoristas de caminhão carregam os veículos e realizam a pesagem.

Os trens chegam ao terminal em formações de 58 vagões, cada um com cerca de 90 toneladas. A capacidade de descarregamento pelo modal ferroviário é de 400 toneladas por hora. A carga é liberada por uma abertura no fundo dos vagões, semelhante ao sistema dos caminhões. A carga cai em uma espécie de moega sob os trilhos e é elevada até os silos.

A carga pode seguir para algum dos seis terminais de embarque para exportação ou para quatro moinhos próximos numa distância entre 13 km e 110 km. Boa parte da frota fluvial opera em lagos aqueles que navegam em águas salgadas descarregam suas cargas em Quebec. Uma semana antes da carga chegar, uma

amostra é enviada via correio para que seja avaliado o destino da carga, uma vez que os moinhos processam diferentes tipos de trigo.

O terminal tem geração própria de energia, feita através de geradores que utilizam óleo diesel. O cereal é recebido durante todo o ano. Até o final de setembro usa-se o trigo colhido na safra anterior, a partir de outubro passa-se a usar o trigo da nova safra.



Apenas dois funcionários cuidam de toda a operação do terminal

Opiniões de Marina Silva



Marina Silva nasceu em Rio Branco, capital do Acre, em 8 de fevereiro de 1958. Filha de seringueiros, foi registrada com o nome de Maria Osmarina Silva de Souza e o nome Marina é decorrente de um apelido dado por uma tia, que foi acrescentado por ocasião da eleição de 1986

Iniciou sua carreira política em 1984 como vice-coordenadora da Central Única dos Trabalhadores (CUT) no Acre. No ano seguinte, filiou-se ao Partido dos Trabalhadores (PT). Foi eleita pela primeira vez a um cargo público nas eleições de 1988, quando foi a vereadora mais votada de Rio Branco. Nas eleições de 1990, foi eleita deputada estadual, novamente com a mais expressiva votação. Nas eleições gerais de 1994, foi eleita senadora, aos 36 anos, tendo sido reeleita no pleito de 2002.

Nomeada ministra do Meio Ambiente no governo de Luiz Inácio Lula da Silva em 1º de janeiro de 2003, ficou no cargo até 13 de maio de 2008. Foi candidata à presidência da República em 2010 pelo Partido Verde (PV), obtendo a terceira colocação no primeiro turno,

com mais de 19 milhões dos votos válidos (19,33% da porcentagem total).

Alçada novamente à condição de candidata à presidência da República, pode-se desvendar suas opiniões sobre questões do agronegócio através de suas colunas escritas ao jornal "Folha de São Paulo" até junho passado. Algumas delas:

- As mudanças no Código Florestal foram mostradas como um "consenso" para facilitar a produção agrícola e pecuária sem prejudicar as florestas. Havia quem dissesse que era o caminho para o desmatamento zero. Na verdade, só anistiava o desmatamento já feito e diminuía a proteção para permitir novos desmatamentos. Para manter as aparências, foi dado o prazo de um ano para fazer o CAR (Cadastro Ambiental Rural) de todas as propriedades com suas áreas de proteção.

- Os ruralistas, que representam um setor atrasado do agronegócio, tomam o controle de mais um espaço legislativo: a Comissão Especial da PEC 215, que transfere ao Congresso a demarcação de terras indígenas. Mais poder para quem já dirige as comissões de Agricultura, Desenvolvimento Urbano, Fiscalização Financeira, Integração Regional e Amazônia, além de ter presença e força nas outras. Vai, assim, o grupo mais ativo do Congresso financiando estacas em cada espaço e moldando a legislação aos seus interesses. (20/09/2013)

- A liberdade de pensamento é uma das maiores conquistas de nossa preciosa democracia. O código deixa de ser florestal, torna-se um sistema de concessões para a ocupação predatória de quem quer aumentar terras em vez de agregar tecnologia. Vai na contramão do século 21 e é um retrocesso. (26/10/2012)

- A "flexibilização" das regras para agrotóxicos vai no mesmo rumo do fim da exigência de rotulagem para os transgênicos, que a chamada "bancada ruralista" quer votar na Câmara. Juntam-se ao esvaziamento do Ibama e demais órgãos de controle, às barreiras para a criação de novas terras indígenas, à desfiguração do Código Florestal e a todas as iniciativas de abolir direitos da população sob pretexto de "remover barreiras" aos negócios. Removem-se as barreiras aos negócios no curto prazo e, em barreiras, os negócios ao longo do tempo, por falta de compromisso com o futuro do país, inteligência e visão. (30/11/2012)

O gás de xisto é debatido em Cascavel

Copel e Compagás dão explicações a produtores



A FAEP, o Núcleo de Sindicatos Rurais do Oeste do Paraná (Nurespop) e o Sindicato Rural de Cascavel organizaram em Cascavel, no último dia 14, um debate aberto ao público para discutir a exploração do gás de xisto na região Oeste do Paraná. O evento, com cerca de 200 pessoas entre produtores rurais, estudantes, políticos e ambientalistas, foi realizado no auditório da Associação Comercial e Industrial de Cascavel (Acic).

“O objetivo do encontro foi buscar conhecimentos nessa área. Nós precisamos saber o que vai acontecer, como vai acontecer e quais são as reais intenções das entidades envolvidas no processo para termos condições de em um futuro próximo nos posicionarmos”, comentou o presidente do Nurespop e do Sindicato Rural de Cascavel, Paulo Orso.

O diretor de Desenvolvimento de Negócios da Copel, Jonel Nazareno Iurk; o presidente da Companhia Paranaense de Gás (Compagas), Luciano Pizzato e o geólogo, Luiz Tadeu Cava, da Mineropar fizeram exposições sobre essa questão.

Yurk afirmou que a empresa vai investir em estudos e pesquisas antes de iniciar as explorações. “Os estudos é que vão apontar a viabilidade da exploração desse gás e para isso a Copel vai investir R\$ 80 milhões em um prazo de quatro anos. Nossa prioridade não é

fraturamento hidráulico [fracking]. Optamos pelo método convencional. Vamos estudar, mas é importante ressaltar que o gás descentralizado é uma riqueza, além de gerar energia e beneficiar a população”, afirmou.

Já o presidente da Compagas, Luciano Pizzato aprovou a preocupação das pessoas, mas acredita que é preciso mais detalhes, estudos e informações sobre o tema. “Existem informações desconhecidas, como ocorreu na época do surgimento dos grãos transgênicos. Aprovo a preocupação das pessoas, mas é preciso mais detalhes, estudos e informações. Pode ser que a exploração seja extremamente benéfica”, disse.

O geólogo da Mineropar, Luiz Tadeu Cava, fez uma apresentação sobre a composição geológica da região e afirmou que ainda há dúvidas e mitos sobre a exploração e isso deve ser repassado para a população. A exploração do gás de xisto é um assunto que vem repercutindo nos últimos meses devido ao risco ambiental da modalidade de exploração. O fracking ou fraturamento hidráulico é o método de exploração do gás de xisto que consiste na injeção de água no subsolo para liberação de um gás, gerador de energia e que pode ser contaminante. As dúvidas são sobre a contaminação da região explorada e a possibilidade de abalos sísmicos.

SENAR-PR promove seminários Agricultura de Precisão



Na avaliação de José Paulo Molin, o grande gargalo da AP é a falta de conhecimento

Ampliar o uso das tecnologias e ferramentas utilizadas na Agricultura de Precisão (AP) é um desafio do agronegócio brasileiro. Com a intenção de orientar os produtores rurais sobre as vantagens do uso da AP, o SENAR-PR promove o seminário itinerante “Seminários Agricultura de Precisão”. São cinco encontros em todas as regiões do Paraná. O evento começa no dia 25 de setembro em Londrina, segue para Maringá (26), Ponta Grossa (9 de outubro), Guarapuava (10 de outubro) e Toledo, onde termina no dia 31 de outubro. O objetivo é mostrar o que é a AP, as vantagens econômicas para quem produz, a gestão das lavouras, as ferramentas envolvidas nessa tecnologia, além das técnicas atuais e as perspectivas da AP.

“A AP e a utilização dessas tecnologias e ferramentas podem otimizar a produção, por meio do uso racional de insumos, aumentando a produtividade. Mostraremos as vantagens, como o aumento da competitividade do produtor”, observa o professor doutor e Ph.D em AP, José Paulo Molin, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ-USP), que irá ministrar as palestras. Segundo ele, as práticas podem ser conduzidas em diferentes objetivos: “Quanto mais

dados, mais consistente é a informação gerada e o consequente diagnóstico referente à variabilidade existente nas lavouras”.

De acordo com Molin, a adoção dessas técnicas avança rapidamente, em especial a amostragem de solo para aplicação localizada de insumos e o uso de piloto automático em tratores, colhedoras e pulverizadores. Na avaliação dele, o grande gargalo da AP é a falta de conhecimento: “Há uma ausência de informação em todas as esferas da cadeia produtiva e tem muita gente fazendo a AP de uma forma errada”.

Apesar disso, segundo Molin, o segmento comercial da AP já está estabelecido no Brasil e as perspectivas só vão crescer no futuro. “É uma seleção natural e o agricultor que não se adequar vai ficar fora do mercado, porque perderá quando o assunto for eficiência na produção”, analisou. A AP é relativamente nova por aqui. Molin conta que a tecnologia ganhou espaço por volta de 1996, mas

só começou a ser utilizada em 2002.

Perfil de quem usa a AP

Estudo divulgado pela Embrapa Instrumentação (São Carlos-SP), divulgado em maio de 2014, constatou que o usuário da AP no país é jovem, instruído e propenso a utilizar mais tecnologia da informação e cultivador de grandes extensões de terras. O levantamento foi realizado com responsáveis de 301 propriedades rurais das principais regiões agrícolas do Brasil, entre 10 de setembro e 13 de novembro de 2012. O estudo apontou que 53% empregam a técnica de AP e que o produtor rural leva em média quatro anos para adotá-la. Segundo o estudo, as propriedades variam de tamanho de acordo com a região do país, a menor acima de 250 hectares no Sul e a maior com 5.500 hectares no Nordeste. O estudo revelou também que as principais fontes de informação dos produtores têm sido os consultores, cursos, treinamentos, feiras e exposições agropecuárias.



A produtora Hermine Leh há cinco anos trabalha com AP no cultivo de soja, milho, aveia, cevada e trigo na Agropecuária Santa Clara

Referência

“Graças ao uso da AP a minha propriedade se tornou referência e modelo de produção na região”, conta a produtora Hermine Leh, 56 anos, que há cinco anos trabalha com AP no cultivo de soja, milho, aveia, cevada e trigo na Agropecuária Santa Clara, em Candói, a 90 quilômetros de Guapuvava. Os resultados já são percebidos, por exemplo, nas lavouras de milho. Antes de adotar a tecnologia, a média de produção era de 8.000 quilos de milho por hectare, hoje é de 13 mil quilos por hectare. Para monitorar a tecnologia nas culturas e analisar os seus resultados, Hermine conta com a assistência técnica da Cooperativa Agrária Mista Entre Rios e também contratou um engenheiro-agrônomo. A produtora comenta que sempre está atenta às novas tecnologias e todo ano faz investimentos em equipamentos. “Sempre estou participando de dias de campo, palestras, seminários e viagens técnicas para acompanhar as novidades do mercado”, revela.

Prática

Na Fazenda Minuano, a 12 quilômetros de Cascavel, há seis anos o produtor de grãos Eudes Capeletto, 46 anos, utiliza AP no cultivo de soja e milho numa área de 192 hectares. No início, ele introduziu a tecnologia em 96 hectares onde fez o mapeamento da área e depois foi corrigindo o solo de acordo com a necessidade de cada talhão. Na primeira fase de implantação, o produtor investiu em torno de R\$ 1 mil por hectare com as análises e aplicações de calcário com taxa variável. Ao longo dos anos expandiu a área com o uso da AP e, segundo Euder, ano a ano colheu bons resultados. No caso da soja, por exemplo, a média de produtividade é de 68 sacas por hectare contra 57 sacas antes de adotar a prática agrícola. “O custo para implantar a AP é alto, mas dá resultado”, garante o produtor. Hoje, ele terceiriza o uso de equipamentos, além das aplicações.



Eudes Capeletto: “O custo para implantar a AP é alto, mas dá resultado”

Gostaria de parabenizar a equipe da FAEP pela maneira que vem defendendo o avicultor e divulgando o andamento do PL 6459/2013 (BIs 1268 e 1271). No entanto, faço a sugestão de não citar de maneira genérica “a indústria”, quando se trata de travar o andamento do PL. Se possível, “dêem nomes aos bois”. No BI 1271 é citado claramente a Contag. Por gentileza, façam o mesmo com “a indústria”. Sugiro também que divulguem quais as empresas e cooperativas que participam dos levantamentos de custos da avicultura, pois, se não me engano, as cooperativas não participam deliberadamente deste levantamento. Espero não ter sido inconveniente. Mui respeitosamente.

Maigel Dreyer

Toledo – PR

Nota da Redação.

Prezado Maigel,

Sugestões bem-vindas e acatadas.



Leitor em foco

O filhote de “au-au” entre as botas incrementadas é de Nilceia Fernandes, de Santa Fé (PR).

Tempo bom para os grãos

Previsões do clima favorecem o plantio de soja



O clima vai colaborar e a colheita de soja no país poderá ultrapassar 90 milhões de toneladas. É o que mostra a reportagem divulgada no último dia 20 pelo jornal Valor Econômico. A consultoria Céleres prevê uma produção de 91,4 milhões de toneladas da oleaginosa, próxima das 91 milhões apontadas pelo Departamento de Agricultura dos EUA (USDA). A consultoria Safras & Mercado é mais otimista e estima 94,4 milhões de toneladas.

O meteorologista Marco Antônio dos Santos, da Somar Meteorologia, afirma que pode ocorrer quebras aqui e ali, mas, de forma geral, não há empecilhos climáticos neste momento. No Mato Grosso, por exemplo, a tendência é que ocorra um atraso na chegada das chuvas, o que poderá retardar o plantio de grãos por lá. Entretanto, a expectativa é que o clima colabore para mais uma colheita abundante que começará a ser semeada em outubro – geralmente os produtores começam a plantar depois do dia 15 de setembro, mas se as chuvas atrasarem terão que aguardar.

Em relação ao Paraná, a expectativa é de condições ideais de plantio já em setembro, com maior regularidade de precipitações na comparação com Mato Grosso. Apesar de um cenário de chuvas mais expressivas do que no outro Estado em setembro, o Paraná deverá enfrentar uma queda de precipitações em outubro. “A média nessa época é de 200 mm a 300 mm, e ficaremos ao menos 50 mm abaixo disso”, mostrou a matéria.

El Niño

A meteorologista Bianca Lobo, da Climatedo, lembrou que que agências oficiais dos EUA e da Austrália preveem chances de 70% e 50%, respectivamente, de o El Niño se manifestar até o fim do ano. Tendo isso em vista, o diretor da corretora gaúcha Brasoja, Antonio Sartori, sugere cautela. Para ele, o El Niño ainda poderá provocar reflexos nesta safra 2014/15. “Historicamente, o Sul da América do Sul é beneficiado em anos em que o fenômeno ocorre, e as áreas mais para cima (para o centro do país), não. Ainda acredito ser um ano de algum risco climatológico”, disse. Para o restante das áreas produtoras do país, os mapas também sinalizam um clima “normal” no período de desenvolvimento das lavouras, entre o fim deste ano e o início de 2015.

Safra americana

Nos EUA, onde a colheita começará em poucas semanas, as condições do tempo já não preocupam, segundo a reportagem. Se o clima continuar bom, é possível que os americanos superem as 105 milhões de toneladas de produção de soja, contra 103,8 milhões da previsão oficial.

Governança Rural

O SENAR-PR, em parceria com a Cooperativa Cocamar, lançou em Maringá, no último dia 13, um projeto piloto do curso Governança Rural com foco na gestão rural, na modalidade Educação à Distância (EAD). Na parte inicial do curso, os 48 produtores rurais que estão participando, vão aprender a produzir planilhas de Excel e o software Planejamento Social, Ambiental e Agrícola (Plesagri). As atividades dos alunos começam a ser desenvolvidas no dia 18 de agosto. “Com esse curso estamos ampliando as opções de cursos oferecidas ao produtor rural na área de gestão rural”, comenta a técnica do SENAR-PR, Luciana Matsuguma.



Capacitação

No período de 12 a 15 de agosto, o SENAR-PR promoveu uma capacitação na Esalq, em Piracicaba, para um grupo de 23 de instrutores que atuam na área de mecanização agrícola. Introdução, conceitualização, novas tendências, sistemas de navegação global por satélites (GNSS), mapeamento de produtividade de culturas, sensoriamento direto e remoto, e a aplicação localizada de insumos, fizeram parte do conteúdo do treinamento. Outra turma de 23 instrutores participa entre os dias 26 e 29 de agosto da segunda capacitação na Esalq.

Agronegócio em alta

O PIB do agronegócio brasileiro vem crescendo mês a mês. Segundo cálculo do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) - ESALQ/USP, em maio o setor cresceu 0,56% acumulando expansão de 1,79% em 2014. No ramo da pecuária, um dos mais dinâmicos, o crescimento chegou a 1,20% no mês e 3,88% no acumulado do ano. Apesar dos bons resultados, o Cepea recomenda cautela, uma vez que para os próximos meses a expectativa é de desaceleração nas cotações.

Informe

FUNDEPEC-PR

SÍNTESE DO DEMONSTRATIVO FINANCEIRO FINDO 31/07/2014

| HISTÓRICO/CONTAS | RECEITAS EM R\$ | | | DESPESAS EM R\$ | | | SALDO R\$ | |
|--|----------------------|---------------------|-----------------------------|----------------------|---------------------|---------------------|----------------------|------------------------|
| | REPASSSE SEAB | | RESTITUIÇÃO DE INDENIZAÇÕES | RENDIMENTOS | TRANSFERÊNCIAS | INDENIZAÇÕES | | FINANCEIRAS /BANCÁRIAS |
| | 1-13 | 14 | | | | | | |
| Taxa Cadastro e Serviços D.S.A | 403.544,18 | - | - | 138.681,09 | **542.225,27 | - | - | |
| Setor Bovideos | 8.444.549,48 | 278,44 | - | 24.553.409,79 | - | 2.341.952,64 | - | |
| Setor Suínos | 10.323.319,02 | 2.210.606,80 | - | 2.580.369,32 | - | 181.518,99 | - | |
| Setor Aves de Corte | 1.481.958,15 | 2.342.576,48 | - | 2.532.816,61 | - | - | - | |
| Setor de Equídeos | 53.585,00 | 23.737,78 | - | 103.579,94 | - | - | - | |
| Setor Ovinos e Caprinos | 123,76 | - | - | 10.257,85 | - | - | - | |
| Setor Aves de Postura | 37.102,41 | 46.905,50 | - | 128.681,67 | - | - | - | |
| Pgto. Indenização Sacrificio Animais * | - | - | - | - | - | *141.031,00 | - | |
| CPMF e Taxas Bancárias | - | - | - | - | - | - | 77.567,43 | |
| Rest. Indenização Sacrificio Animais * | - | - | *141.031,00 | - | - | - | - | |
| TOTAL | 20.744.182,00 | 4.624.105,00 | 141.031,00 | 30.047.796,27 | **542.225,27 | 2.664.502,63 | 77.567,43 | |
| SALDO LÍQUIDO TOTAL | | | | | | | 52.815.044,21 | |

NOTAS EXPLICATIVAS

1) Repasses efetuados pela SEAB/DEFIS de acordo com o convênio: 1º - 14/12/2000 >> R\$ 500.000,00 | 2º - 23/07/2001 >> R\$ 2.000.000,00 | 3º - 04/09/2001 >> R\$ 380.000,00 | 4º - 28/12/2001 >> R\$ 2.120.000,00 | 5º - 21/05/2002 >> R\$ 710.000,00 | 6º - 26/07/2002 >> R\$ 2.000.000,00 | 7º - 16/12/2002 >> R\$ 2.167.000,00 | 8º - 30/12/2002 >> R\$ 204.000,00 | 9º - 08/08/2003 >> R\$ 600.000,00 | 10º - 08/01/2004 >> R\$ 400.000,00 | 11º - 30/12/2004 >> R\$ 1.300.000,00 | 12º - 01/12/2005 >> R\$ 1.600.000,00 | 13º - 17/12/2012 >> R\$ 6.763.182,00 | 14º - 06/08/2013 >> R\$ 4.624.105,00

2) Valores indenizados a produtores e restituídos pelo MAPA. (*)

3) Setor de Bovídeos (**)

a) Valor total da conta Taxa de Cadastro e Serviço (repassse mais rendimentos financeiros) da DSA referente ao setor de Bovídeos = R\$542.225,27

b) Valor total retido pela SEAB/DEFIS, referente ao total da conta taxa de cadastro e serviços da DSA do setor de Bovídeos = R\$ 542.225,27

4) Conforme Ofício nº 315/2004-Defis, valor transferido da subconta do Setor de Bovídeos e creditado para subconta do Setor de Ovinos e Caprinos, R\$ 5.714,85.

Ágide Meneguette
Presidente do Conselho Deliberativo

Ronei Volpi
Diretor Executivo

Simone Maria Schmidt
Contadora | CO PR-045388/0-9

FUNDEPEC - PR - entidade de utilidade pública - Lei Estadual nº 13.219 de 05/07/2001.

CONSELHO PARITÁRIO PRODUTORES/INDÚSTRIAS DE LEITE DO ESTADO DO PARANÁ – CONSELEITE–PARANÁ

RESOLUÇÃO Nº 08/2014

A diretoria do Conseleite-Paraná reunida no dia 19 de agosto de 2014 na sede FAEP na cidade de Curitiba, atendendo os dispositivos disciplinados no Capítulo II do Título II do seu Regulamento, aprova e divulga os valores de referência para a matéria-prima leite realizados em julho de 2014 e a projeção dos valores de referência para o mês de agosto de 2014, calculados por metodologia definida pelo Conseleite-Paraná, a partir dos preços médios e do mix de comercialização dos derivados lácteos praticados pelas empresas participantes. Os valores de referência indicados nesta resolução correspondem a matéria-prima leite denominada “Leite CONSELEITE IN62”, que se refere ao leite analisado que contém 3% de gordura, 2,9% de proteína, 600 mil células somáticas /ml e 600 mil ufc/ml de contagem bacteriana.

VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA - PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE* - JULHO/2014

| Matéria Prima | Valor projetado em julho/2014 | Valor Final julho/2014 | Diferença (final-projetado) |
|-------------------------|-------------------------------|------------------------|-----------------------------|
| Leite CONSELEITE IN62** | 0,8560 | 0,8595 | 0,0035 |

Observações: (*) Os valores de referência da tabela são para a matéria-prima leite “posto propriedade”, o que significa que o frete não deve ser descontado do produtor rural. Nos valores de referência está incluso Funrural de 2,3% a ser descontado do produtor rural. (**) Os valores de referência para o “Leite CONSELEITE IN62” corresponde ao valor da matéria-prima com 3% de gordura, 2,9% de proteína, 600 mil uc/ml de células somáticas e 600 mil uc/ml de contagem bacteriana.

VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA - PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE* - JULHO/2014 E PROJETADOS PARA AGOSTO/2014

| Matéria Prima - Valores finais | Valor final julho/2014 | Valor projetado agosto/2014 | Diferença (projetado-final) |
|--------------------------------|------------------------|-----------------------------|-----------------------------|
| Leite CONSELEITE IN62** | 0,8595 | 0,8590 | -0,0005 |

Observações: (*) Os valores de referência da tabela são para a matéria-prima leite “posto propriedade”, o que significa que o frete não deve ser descontado do produtor rural. Nos valores de referência está incluso Funrural de 2,3% a ser descontado do produtor rural. (**) Os valores de referência para o “Leite CONSELEITE IN62” correspondem ao valor da matéria-prima com 3% de gordura, 2,9% de proteína, 600 mil uc/ml de células somáticas e 600 mil uc/ml de contagem bacteriana.

Para o leite pasteurizado o valor projetado para o mês de agosto de 2014 é de R\$ 1,6803/litro. Visando apoiar políticas de pagamento da matéria-prima leite conforme a qualidade, o Conseleite-Paraná disponibiliza um simulador para o cálculo de valores de referência para o leite analisado em função de seus teores de gordura, proteína, contagem de células somáticas e contagem bacteriana. O simulador está disponível no seguinte endereço eletrônico: www.sistemafaep.org.br/conseleite

Curitiba, 19 de agosto de 2014

WILSON THIESEN Presidente

RONEI VOLPI Vice - Presidente

CAMPINA DA LAGOA



Forragicultura

Em julho o Sindicato Rural de Campina da Lagoa promoveu os seguintes cursos: Trabalhador na Piscicultura - Sistemas de Cultivo nos dias 17 e 18, com a participação de 12 produtores rurais e o instrutor Nestor José Braun. De 21 a 23, em parceria da C-Vale de Campina da Lagoa, Trabalhador na Forragicultura - manejo de pastagens. para 13 produtores rurais com o instrutor Paulo Roberto Marchesan. O presidente do sindicato Orlando Alexandre Vieira e o gerente da C-Vale de Campina da Lagoa, Edson A. Bonilha participaram do encerramento.

MARINGÁ



Mulher Atual

O Sindicato Rural de Maringá encerrou mais uma turma do Programa Mulher Atual. A turma de 21 mulheres da cidade de Ivatuba participou no dia 07 de um passeio turístico pela cidade de Maringá e um almoço.

CIANORTE



Pescado

O Sindicato Rural de Cianorte realizou os seguintes cursos no mês de julho: em parceria do Núcleo das Mulheres da Cocamar - Produção Artesanal de Alimentos – Derivados do Pescado, de 21 a 22 de julho, para 11 produtoras rurais com a instrutora Zeli da Conceição. E no dia 24, em parceria com Emater, Trabalhador na Fruticultura Básica – clima temperado – morangueiro, com o instrutor Sérgio Takaschi Noguchi para 12 produtores rurais.

SÃO JOÃO



Mulher Atual

O Sindicato Rural de São João encerrou no dia 30 de julho mais uma turma do Programa Mulher Atual. Participaram 15 produtoras com a instrutora Marisa Mior Acorsi. No dia do encerramento foi feita uma palestra com o Padre Vagner, gestor do Seminário de São João.

CORNÉLIO PROCÓPIO



Agrinho

O Sindicato Rural de Cornélio Procópio realizou no dia 28 de julho, para cerca de 120 professores das redes pública e particular de ensino do município a capacitação do Programa Agrinho 2014. As instrutoras do grupo foram Daiane Maria de Oliveira, Adriane Castanho de Lima Pereira, Devanilde Alves Arias e Noremy Carla Zonzini Lattanzio. A capacitação aconteceu na Escola Municipal Lourenço Filho.

MARILÂNDIA DO SUL



Tratorista

O Sindicato Rural de Marilândia do Sul realizou em parceria com a Fazenda Eldorado o curso Trabalhador na Operação e Manutenção de Tratores Agrícolas - tratorista agrícola – tratorista polivalente – básico, nos dias 23 e 24 de julho. Participaram 11 trabalhadores com o instrutor Claudio José Zunta. O presidente do sindicato rural, José Leite dos Reis, agradece ao encarregado da Fazenda Eldorado, Laercio Batista da Silva.

SERTANÓPOLIS



Formigas/olericultura

O Sindicato Rural de Sertanópolis ofereceu os seguintes cursos em junho: Em parceria com a Cocamar, Trabalhador na Aplicação de Agrotóxicos – formigas cortadeiras no dia 27, para 12 trabalhadores, com o instrutor Antônio Felipe Domansky dos Reis. E nos dias 02 e 03, Trabalhador na Olericultura Básica - informações gerais em parceria com o Departamento Municipal de Assistência Social, para 10 produtores, com o instrutor Luis Hiroshi Shimizu.

ORTIGUEIRA



Manejo / avaliação

O Sindicato Rural de Ortigueira realizou os seguintes cursos no mês de julho: - Manejo e Ordenha, nos dias 21 a 25, realizado na Aldeia Indígena Mococa, para 11 produtores da Aldeia com o instrutor Alberto Massashi Assakura. E nos dias 17 e 18, Trabalhador na Bovinocultura de Leite - Avaliação da Conformação Ideal das Vacas Leiteiras com o instrutor Urias José Corrêa Neto.

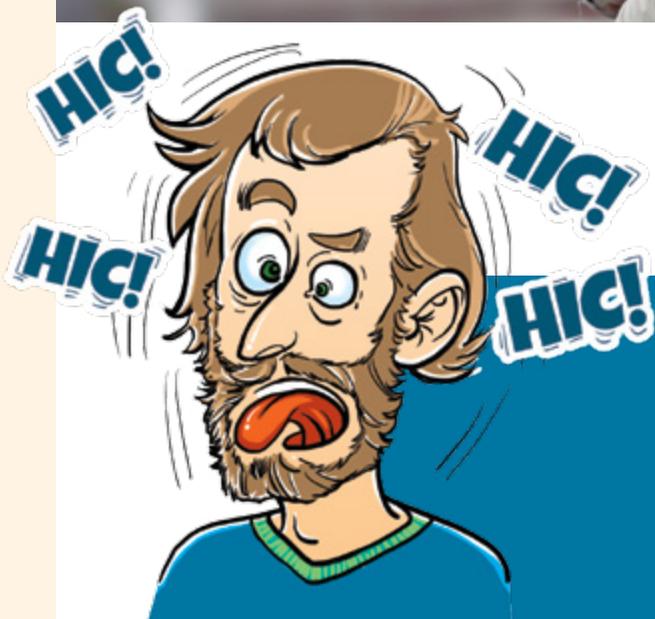
Uma simples foto



Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo email: imprensa@faep.com.br com seu nome e endereço.

Consequências do frio

Por que fazemos mais xixi em dias frios? Ocorre que o corpo transpira menos, e é necessário liberar os líquidos presentes no corpo, então urinar mais se torna outra forma de liberar os líquidos acumulados no organismo. E por que trememos com o frio? Exatamente para nos aquecer. O cérebro manda uma mensagem para nossos nervos, ordenando que os músculos se movimentem para que assim o corpo se aqueça.



Soluções

O soluço é uma respiração com espasmos provocada pelo súbito fechamento da glote (abertura localizada na laringe, que serve de passagem de ar para os pulmões) junto com uma contração repentina e involuntária do diafragma, músculo que separa o tórax do abdômen e está relacionado à respiração.



O ronco da cuíca

A cuíca ou puíta (em Angola pwita) foi trazida ao Brasil por escravos africanos bantos e era também chamada de “rugido de leão” ou de “tambor de fricção”, por ser usada por caçadores para atrair leões com os rugidos que o instrumento pode produzir. Hoje ronca nas baterias de escolas de samba.



Serpentes

A serpente é um símbolo de sabedoria para filósofos, alquimistas e sacerdotes. Representa o acúmulo de conhecimento conseguido através dos tempos e a reciclagem constante nas suas infinitas trocas de pele. Tem o poder de matar e curar com o mesmo veneno. A serpente mais velha de todas, segundo a versão bíblica, enfeitiçou e seduziu Adão e Eva.



Localizado

Duas senhoras idosas estavam tomando o café da manhã num restaurante. Ethel notou alguma coisa engraçada na orelha de Mabel e disse:

- Mabel, você sabe que está com um supositório na sua orelha esquerda???

Mabel respondeu: - Eu tenho um supositório na minha orelha??

Ela o puxou, olhou para ele e então disse:

- Ethel, estou tão feliz que você tenha visto... agora eu acho que sei onde encontrar meu aparelho auditivo...

Constatações

- O dinheiro é a raiz de todo mal. Para obter mais informações, me envie R\$ 10,00.

- Mãe, me disseram na escola que eu sou muito distraído. Menino, presta atenção, eu não sou sua mãe. Sua casa é a do lado!

- Herança é aquilo que os mortos deixam para que os vivos se matem.

- Amor não é uma coisa que mexe por dentro e deixa marcas quando passa. O nome disso é diarreia.

Nas profundezas

A maioria dos peixes habita uma zona chamada fótica, que não passa de uma profundidade de 200 metros. Mas em 2008 um grupo de cientistas da universidade britânica de Aberdeen explorava com um submersível uma fossa marinha no Japão, quando encontraram a uma profundidade de 7.7 quilômetros uma colônia de *Pseudoliparis amblystomopsis* nadando tranquilamente.



Excessos

Pesquisa da Universidade de Northwestern, nos EUA, descobriu que os bebês criados em condições de higiene excessiva se tornam adultos com sistemas imunológicos menos eficientes para ativar mecanismos inflamatórios, necessários no combate de doenças infecciosas. Ou seja uma caquinha de vez em quando ajuda...



Olhos orientais

Os olhos dos orientais (e não exclusivamente dos japoneses, como também de chineses, coreanos, tailandeses, etc). não são "puxados" e sim a pálpebra é mais lisa, e não curva como nos olhos ocidentais. O sulco superior, geralmente bem definido e cerca de 7 mm acima da linha ciliar nos ocidentais, está ausente nos orientais.

REFINANDO

QUANDO SE TEM DOUTORADO

O dissacarídeo de fórmula $C_{12}H_{22}O_{11}$, obtido através da fervura e da evaporação de H_2O do líquido resultante da prensagem do caule da graminea *Saccharus officinarum*, (Linneu, 1758), isento de qualquer outro tipo de processamento suplementar que elimine suas impurezas, quando apresentado sob a forma geométrica de sólidos de reduzidas dimensões e arestas retilíneas, os quais configuram pirâmides truncadas de base oblonga e pequena altura, uma vez submetido a um toque no órgão do paladar de quem se disponha a um teste organoléptico, impressiona favoravelmente as papilas gustativas, sugerindo impressão sensorial equivalente provocada pelo mesmo dissacarídeo em estado bruto, que ocorre no líquido nutritivo da alta viscosidade, produzido nos órgãos especiais existentes na *Apis mellifera* (Linneu, 1758). No entanto, é possível comprovar experimentalmente que esse dissacarídeo, no estado físico-químico descrito e apresentado sob aquela forma geométrica, apresenta considerável resistência a modificar apreciavelmente suas dimensões quando submetido a tensões mecânicas de compressão ao longo do seu eixo em consequência da pequena capacidade de deformação que lhe é peculiar.

QUANDO SE TEM MESTRADO

A sacarose extraída da cana-de-açúcar, a qual ainda não tenha pas-

sado pelo processo de purificação e refino e apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.

QUANDO SE TEM GRADUAÇÃO

O açúcar, quando ainda não submetido à refinação e apresentando-se em blocos sólidos de pequenas dimensões e forma tronco-piramidal tem similaridade com o sabor deleitável da secreção alimentar das abelhas; todavia não muda suas proporções quando sujeito à compressão.

QUANDO SE TEM ENSINO MÉDIO

Açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.

QUANDO SE TEM ENSINO FUNDAMENTAL

Açúcar mascavo em tijolinhos tem o sabor adocicado, mas não é macio ou flexível.

QUANDO NÃO SE TEM ESTUDO.....

Rapadura é doce, mas não é mole



Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___
Em ___/___/___

Responsável _____

SISTEMA FAEP



A versão digital deste informativo está disponível no site:

sistemafaep.org.br